



Gaiato



**PORTE
PAGO**

Quinzenário

22 de Fevereiro de 1992

Ano XLVIII — N.º 1251 — Preço 20\$00

Propriedade da Obra da Rua

Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes

Fundador: Padre Américo



«É necessário dar ao garoto da rua Justiça e Verdade para que ele nos acredite e nos ame.» — PAI AMÉRICO

Ecos d'África

Missão sublime

ONTEM vieram trazer-nos alguns pares de calçado. Eram novos e tão pequeninos, alguns deles, que só para bebés. Não os temos cá, mas sei onde estão. A oferta vai cumprir missão sublime; vai levar alegria, muita alegria às mães de Angola que acompanham seus filhinhos e filhinhas descalços porque sem dinheiro nem coisas para comprar.

Não se pode imaginar, a não ser por experiência, como é tão fácil alegrar estes Pobres que nada têm. Ao seu jeito, de acordo com a sua cultura, batem palmas e cantam quando a dádiva sai do coração! A riqueza do encontro é tamanha que quem dá sente-se confundido com o pouco que leva e o muito que recebe. Pai Américo deixou-nos esta experiência da sua visita aos Pobres, ao afirmar que era tão pouco o que levava em comparação com o muito que recebia. Assim aconteceu.

Faz falta o contacto com os Pobres que o são de verdade. Cada um é uma pequenina parcela da Humanidade. Na medida em que partilhamos a nossa sorte com a sorte dos Outros, tornamo-nos mais completos, mais perfeitos; por isso, mais humanos e mais felizes. Cada bocadinho se enriquece com o bocadinho do Outro. Esta abertura é fundamental numa educação sadia, equilibrada.

Estou a pensar, no momento em que escrevo estas notas, na dificuldade que os pais têm, tantas vezes, em contentar os filhos. Coisas e mais coisas, e sempre com vontade de mais. Oh, como seria saudável para uns e para outros fazerem uma experiência no meio dum mundo pobre! Aquelas sandálias pequeninas, que pouco ou nada dizem a quem tem mais que o necessário e

conveniente, vão produzir uma explosão de alegria e gratidão a quem não tem nada.

É um problema de equilíbrio que importa resolver, a nível do coração e da cabeça. Sim, do coração e da cabeça. É que não bastam as ideias, que podem não convencer. Tantos discursos! Tantos discursos! E onde está o significado

Continua na página 3

SETÚBAL

O grito dos Pobres

OGRITO dos Pobres chega-nos pela Fé. Não nos passa pela cabeça — nunca n'O GAIATO — fazer política. A pressão das circunstâncias e a evidência dos casos tornam-se-nos tão claros que, por vezes, não conseguimos exprimir aos outros, com nitidez, o que a nossa alma sente e a inteligência percebe.

Fugimos de ganhar dividendos, sejam eles quais forem ou por mais subtilezas que pareçam. Não nos move o desejo de ser contra ninguém, mas somente a ânsia de pregar a sabedoria divina pela Palavra Eterna. Impele-nos, sim, a *Justiça Imanente de Deus* que vê

todos os filhos com olhos e coração de Pai.

Se advogamos os Pobres em virtude da sua incapacidade de vida digna, denunciando o privilégio dos ricos e dos grandes deste mundo, é para pôr a *Justiça* no seu lugar.

O capital deve ter como primeiro destino o homem que nada tem

Se declaramos injusta a política financeira do Governo no que respeita à habitação, onde os mais pobres são preteridos a favor de um crescimento económico, é por amor da mesma *Justiça*.

É flagrantemente erróneo e injusto o princípio da Economia de que todo o capital tem de render capital. A deformação profissional dos economistas leva-nos a um desastre social. É a sabedoria divina que o diz. Pois o capital deve ter, como primeiro destino, o homem — o homem que nada tem — e não o próprio capital ou progresso (de alguns e não de todos) como agora se apregoa indistintamente.

A Carta de S. Tiago — verdadeiro compêndio de progresso — adverte (cap. 5): «E agora vós, ó ricos, chorai em altos gritos por causa das desgraças que virão sobre vós. As vossas riquezas

Continua na página 4

PARTILHANDO

Angola tem um lugar no coração da Obra da Rua

- Se Deus quiser, quando leres este Partilhando, estaremos já em Angola, ou melhor, na nossa Casa do Gaiato de Malanje.

Outra vez, os morros verdes e o planalto sem fim! De novo, as manchas castanhas das sanzalas, os aglomerados humanos (e tão densos!) nas periferias das cidades!

Também, as crianças que esperam sem contar! Dos leprosos na aldeia que ficou, só restam dois... O Fernando, ceguinho, espera um fato e mimos. Foi ele que um dia me pediu um cordeirinho para apalpar e sentir a ternura da lã! Sem saúde, sem comida nem bens... Mas sorrirá feliz, se apalpar um cordeirinho! Tão longe que todos estamos deste sorriso e desta ternura!

De novo, pois, este Fernando que, não vendo, me tem ensinado a ler as coisas invisíveis!

E, finalmente, os nossos rapazes — gaiatos de Angola — já casados e com filhos, netos da Obra!

Angola tem um lugar no coração da Obra da Rua — como esta no coração Daquela.

Luzinhas no cimo do monte

- Nesta partida queremos lembrar as últimas ajudas que nos chegaram. Não com intenção de «louvores», mas para colocar as luzinhas no cimo do monte.

Podiam ter sido os juro... Não, foi carga e cavalo! Podiam ter sido as sobras, o supérfluo. Não, ela foi ao tesouro e arrancou-o do seu coração. Seu gesto transpôs a barreira do som e lá vai até ao coração de Deus. Senti o estrondo! Que Deus me ajude a nunca acumular em tesouro rentável aquilo que posso fazer

Continua na página 4

Conferência de Paço de Sousa

ENCONTRO — Recentemente, em Galegos, onde Pai Américo nasceu, houve um encontro informal das Conferências Vicentinas (mistas e masculinas) do Vale do Sousa. Tarde cheia de intervenções em que o Pobre foi rei.

Vale a pena salientar o espírito de serviço das novas Conferências da região; sobretudo o especial interesse pelos novos Pobres, casos de miséria que o mundo não vê.

Para além de tudo o mais, em reunião tão fértil, um vicentino abriu a sua alma e foi contundente: — *Dizem pr'af que não há Pobres, mas encontramos tanta miséria escondida...*

Uma vicentina põe o grupo em suspense quando relata o problema duma criança doente, abandonada em casa por sua mãe — que anda por lá. Mexeu-se por todo o lado, da Segurança Social aos poderes públicos. O mais admirável é tê-la acolhido no seu lar, como se fosse do seu ventre! Os próprios filhos tratam-na fraternalmente!

O que Pai Américo diria naquele sítio, àquela hora...! Abalaria as paredes do centro paroquial, sim, especialmente a alma dos servos dos Pobres; sem, contudo, deixar de advertir o mundo da responsabilidade, da obrigação que tem de olhar pelos Pobres — o Mandamento Novo!

PARTILHA — Manuel, de Braga, com cheque «para as viúvas». O habitual, da assinante 31104, e «rezem por mim». A fé remove montanhas! Outro cheque, da assinante 4951, de Queluz, entregue no Tojal. Assinante 17258, 1.500\$00 para renda de casa duma viúva. «O que vai a mais» — nas contas d'O GAIATO da assinante 23778 — «é para a Conferência do Santíssimo Nome de Jesus, implorando uma oração para os problemas que afectam a minha família». Assinante 32517, de Lisboa, «várias ajudas num único cheque» e um desabafo d'alma que endossamos à Misericórdia de Deus. Mais um resto, do assinante 6790, vicentino de há muitos anos. Mil, da assinante 700, e «desculpem a letra, são 79 anos». Delicadeza cristã! Vultosa oferta da assinante 524, de Vila Nova de Gaia. E mais outra, em sufrágio da alma do assinante 9976. Paz à sua alma. Mais cinco, do nosso Elísio. E o dobro, sob anonimato, em discreto sobrescrito entregue no Lar do Porto, dirigido à Conferência de Paço de Sousa.

Em nome dos Pobres, muito obrigado.

Júlio Mendes

PAÇO DE SOUSA

OFERTAS — Continuam a oferecer batatas fritas e iogurtes e até biscoitos e bolachas de baulilha. Agradecemos, principalmente os mais novos, aos responsáveis destas ofertas. Esperamos que continuem a dar-nos produtos de qualidade.

PORCOS — Alguns, estão doentes. Será por causa do descuido e desinteresse da malta da copa? Deviam dividir os restos do conduto, da sopa, em recipientes e, cuidadosamente, não misturar nada. Verificar se

Pelas CASAS DO GAIATO

vão ossos, plásticos, etc.

Paulo Alexandre (RAMBO)

DESPORTO — Tal como já tínhamos referido, a propósito das vitórias da nossa equipa, no dia 1 defrontámos uma formação dos arredores do Porto.

Foi um jogo muito bem disputado. Nos primeiros minutos, equilibrado; depois, com o correr do tempo, as coisas complicaram-se para o adversário.

Sofreram logo três golos. Com um pequeno falhanço da nossa defesa, acabaram por marcar o tento desejado. Na primeira parte, 3-1. Na segunda, dominámos e acabámos por marcar mais três golos e, quase no fim, mais outro. Resultado final, 6-2.

Repórter X

TOJAL

FESTAS — O arranjo dos fatos está por bom caminho. A maior parte dos ensaios prontos para o programa entrar em acção.

LARANJAS — Com as grandes ofertas de fruta e iogurtes não teríamos capacidade de consumir as laranjas. Por isso, resolvemos vendê-las.

FUTEBOL — No dia 9 defrontámos uma equipa da paróquia de Oeiras. Um jogo em que andámos todos de cabeça perdida, mas conseguimos fazer um bom resultado: 3-1.

VACARIA — Nasceu um vitelo! Será mais uma boca para alimentar. Daqui a pouco tempo haverá mais.

Luís Miguel Fontes

MIRANDA DO CORVO

OBRAS — Já começaram as obras na casa-mãe. Esperamos que fique pronta o mais rápido possível e, também, bonita. Pedreiros: sr. António e o filho; o resto, ajuda da malta.

AGRICULTURA — As laranjeiras estão carregadas e o fruto já maduro. Daqui a uns dias começa a recolha das laranjas.

Houve poucas tangerinas. É pena. Seja feita a vontade de Deus.

Parte da erva foi apanhada e toda a gente trabalha bem. A lameira quase toda cortada e agora, neste tempo, não falta que fazer!

GADO — Os porcos dão muito trabalho. Mas, os do gado tratam bem deles. As vacas produzem muito leite. A cabra está boa e os filhos ainda apoiados na mãe.

OFICINAS — A tipografia está fechada, pois não há ninguém que trabalhe com as máquinas! Esperamos quem apareça e se ofereça. Os mais atarefados são os carpinteiros. Têm muito que fazer: portas, janelas e outros trabalhos. Os seralheiros andam ocupados a pintar camas, mesas e cadeiras.

Frederico

Cooperativa de Habitação

Continua a chegar correspondência de leitores amigos que, para além da ajuda monetária, expressam incitamento à nossa iniciativa.

Gostaríamos de esclarecer: a Cooperativa de Habitação é fruto da boa vontade de alguns antigos gaiatos que, apoiados pelos Padres da Obra da Rua, meteram ombros à sua concretização, proporcionando habitação digna a companheiros que a não tenham e aos actuais gaiatos a caminho do casamento.

Não vamos dar casas, pois não dispomos de fundos.

Em crónica anterior afirmámos que a nossa Cooperativa tem uma característica muito especial: há sócios que podem pagar a habitação; outros, com algumas dificuldades; outros, ainda, com muitas carências. Poucos pertencem ao primeiro escalão.

Os 105 mil contos, mais os respectivos encargos, terão que ser pagos à entidade que financiou o empreendimento.

Dentro das nossas possibilidades, e conforme os donativos dos nossos amigos, ajudamos os mais desfavorecidos.

Seria nosso desejo dar casa gratuita a alguns antigos companheiros que vivem em péssimas condições e não têm possibilidade de participarem na compra da habitação.

Será possível um chefe de família comprar, construir ou alugar moradia ganhando, mensalmente, 50, 60 ou 70 contos?

Tudo faremos para que no loteamento de Vales — Paço de Sousa, no qual ainda dispomos de terreno, possamos contemplar alguns chefes de família que se encontrem nesta situação.

Se necessário, bateremos às portas dos gabinetes dos senhores Ministros. Pois se distribuem subsídios a fundo perdido para tantas coisas, porque não para erguer casas para os portugueses desfavorecidos? As entidades privadas também poderão ter uma palavra a dizer, destinando uma fatiazinha dos seus lucros para ajudarem na construção.

É humano e justo que os que podem ajudem os que nada têm.

OFERTAS — M. Dias, Viana do Castelo, 80.000\$00; Adelaide, Fiães, 6.000\$00; M. Preciosa, Vila Real, 2.000\$00; Maria Teresa, Porto, 5.000\$00; Sílvia, Vale de Cambra, 5.000\$00; Laura, de Aveiro, 15.000\$00.

Foram recebidas outras ofertas através da Casa do Gaiato.

CAMPANHA DO SELO USADO — De Coimbra, uma carta muito bonita, de Ascensão: «Junto envio os selos que, de momento, me foi possível juntar, mas podes contar com mais, com muito carinho, pois acredita, sempre que tenho oportunidade de estar convosco nas vossas iniciativas não deixo de o fazer. Coragem e não desistam da iniciativa que tanta liberdade vos dará de futuro».

Alguns amigos enviaram selos, directamente, ao Manuel «Côco» ou ao nosso cuidado: Noémia, Pedrógão Grande; Carminda, Anadia; Idália, Peniche; assinante 20174; Hortência, Cruz Quebrada; assinante 2195; Celeste, Lisboa; Fernando, Santarém; Marta, Valadares; Ângela, Porto; Deolinda, Lisboa; Lurdes, Alemanha; M. Carmo, Lisboa; Custódia, Torres Vedras; A. Matias, Caldas da Rainha; Ilda, Amadora; Lurdes, Vale de Prazeres; Virgínia, Lisboa; Adelaide, Matosinhos. Algumas entregas anónimas e uma caixa com selos no Lar do Porto. Para terminar, um envelope com selos e um cheque de 10.000\$00 de Benedita Natália — Porto. E, ainda, esta maravilhosa receita: «Coragem... Para a frente é o caminho, Deus é Pai misericordioso e tudo remedeia».

O Manuel dos Santos «Côco» enviou 6.000\$00, duma venda de selos. Continua com muito entusiasmo na preparação deles para venda. Em seu nome e da Cooperativa de Habitação, que Deus vos pague.

Carlos Gonçalves

LAR DO PORTO

CONFERÊNCIA DE S. FRANCISCO DE ASSIS — A nossa Conferência tem mais duas famílias necessitadas. São dois casais idosos e doentes. O sr. Augusto e a esposa, sra. Rosa. Ele, na casa dos oitenta anos, bastante doente dos rins, já vai para quatro anos que não urina e tem que ir ao hospital três vezes por semana fazer o tratamento próprio. Hoje, fomos visitá-los. Ele vinha do hospital. Tem que vir de táxi, pois fica muito abalado e fraco. Ajudámo-lo a subir as escadas, aos pouquinhos, para se deitar e descansar. Ainda por cima tem asma, falta de ar. Viemos muito tristes por o ver assim. A esposa, doente dos ossos, lá o vai ajudando. Vivem muito sós. Têm um filho que é raro visitá-los. Vivem num quarto

pequeno e escuro. Não temos grande conhecimento das suas necessidades e faltas, pois só há pouco tempo começámos a visitá-los, mas o que choca logo é a solidão, a doença e o alojamento precário.

O outro casal, sr. Augusto e sra. Virgínia, também tem muita solidão. Andam na casa dos setenta e muitos anos. Limpos e aseados, num quarto pequeno mas impecável em limpeza e arrumação, onde fazem tudo: cozinham, dormem, lavam, comem, etc.

Esta senhora é muito arranjadinha e muito diabética. Ele vive

ali metido, há onze anos, pois cortou uma perna por várias doenças, e como vivem num segundo andar, as escadas são muito escuras e perigosas. O sr. Augusto é forte e não consegue deslocar-se com muletas. Arranjaram-lhe uma cadeira de rodas, mas quem o pode trazer para a rua? Ninguém! Para alguns vizinhos que o ajudam é preciso pagar-lhes e, mesmo assim, é difícil andar naquelas artérias muito antigas com uns pisos maus e muita inclinação. Aquele homem ali está só com a esposa, há onze anos. O que vale, o quartinho, apesar de pequeno, é que tem uma bela janela de onde se vê um pouco do rio ao longe. Gostamos de visitar estes dois casais, principalmente o segundo que é simpático e conversador; vê-se que têm pouco com quem conversar. Sempre que pudermos vamos fazer-lhes um pouco de companhia. É muito triste a velhice e as doenças! Um pouco de companhia vai fazer-lhes bem — a eles e a nós.

Dos nossos amigos recebemos as seguintes ajudas: assinante 33590, 1.000\$00; de M. M., para ajudar a renda da senhora idosa, 10.000\$00; Armandina, do Porto, 10.000\$00; Conferência de S. Cosme e S. Damião, 4.000\$00. Bem hajam todos.

Maria Germana e Augusto

Tribuna de Coimbra

Um quadro maravilhoso!

• Foi um quadro maravilhoso aquele que meus olhos, meu coração e minha alma contemplaram hoje ao fundo do campo da bola. Luís levava pela mão, presa a um cordel, a nossa cabra. Os dois cabritos filhos saltavam atrás da mãe e os nossos pararam o recreio para partilharem também aquela beleza.

Os mais pequenitos assistiram ao nascimento dos dois cabritos. A cabra andava a pastar no olival da tipografia e o nosso grupo a apanhar azeitona do rebusco. Foi uma festa para todos. Os cabritinhos a nascer e pouco depois à procura das tetas da mãe e aos saltinhos. Que coisa maravilhosa!

Já todos viram nascer os vitelos, os leitões, os cachorrinhos. Mas, como há pouco nos ofereceram esta cabra, só agora viram nascer os cabritos, no meio deles e no olival.

Lições da natureza que procuramos aprender. Nada de coisas muito ocultas. Tanto quanto possível que tudo seja transparente. Tudo natural. A sociedade, muitas vezes, altera a lição da natureza. Jesus Cristo chama-nos à atenção: — *Olhai os lírios do campo! Contemplai os passarinhos do céu! Vede como eles se vestem! Vede como eles se alimentam!* Jesus Cristo continua a ser o grande Mestre.

Tarefa familiar

• Esta semana tivemos uma tarefa muito familiar. Ajudámos a preparar a casa do José António «Chola» para ser habitada no próximo domingo. É a festa anual da

aldeia e o baptizado da Cláudia Filipa, primeira filhinha do «Chola» e da Maria Odete.

Havia muita coisa ainda a fazer. Os pedreiros e serventes tiveram de cimentar lojas e fazer fossas. Os pintores pintam paredes. Estofadores colocam as alcáfitas nos quartos. Carpinteiros assentam portas interiores. O «Chola», funcionário da Câmara, pediu três dias de licença e não deixou parar ninguém. Maria Odete, empregada de fábrica de alcáfitas, pediu três dias ao patrão e não ficou com limpezas e arrumos. Eu, em muitos momentos que por lá apareci, não deixei de dar opiniões.

Nestes dias senti muito a alegria dos pais que se uniram aos filhos. Os pais que ajudam os filhos a ter sua casinha airoso e festiva. Os pais que estão sempre com os filhos até ao fim.

Ainda hoje senti a angústia da avó que nos veio trazer um dos netos a lamentar que a filha lhe deixou os filhos e nunca mais apareceu. Infelizes estes pais e estas mães que abandonam assim os filhos!

Depois de receber o pequeno voltei às obras e ajudei a preparar alguns tijolos. No próximo domingo será festa em família, na casa nova do «Chola».

Padre Horácio

UMA CARTA

«Mais uma vez, estou a cumprir o compromisso por mim assumido em 1973, de receber assinaturas de O GAIATO. Faltam-me receber duas, que a todo o tempo enviarei. Todos os anos vos faço um pedido que é o seguinte: Se no jornal punham a indicação: Funcionários do B. P. A. — Porto, 81.200\$00. Não quero referências de nomes, nem vejam neste pedido qualquer vaidade minha, mas apenas que deem uma satisfação pública aos meus colegas.

Assinante 21591»

ENCONTROS

EM LISBOA

Opção pela pobreza

Volto a falar da pobreza enquanto opção. Aparece-me como irmã da solidariedade. Opta-se pela pobreza para se ser solidário. Solidário com o necessitado, o carente, o débil, o doente, o preso, a criança, o idoso, o alcoólico, o sidoso... A pobreza leva a refazer os laços fraternos. Aprendemos com Jesus. Ele despojou-se de tudo. Assumiu a condição humana até à morte e morte de cruz, a morte dos rejeitados. Foi nesta pobreza e por via dela que olhou os leprosos, viu o paralítico, acolheu a mulher de Magdala, encontrou o publicano, acariciou as crianças, mandou em paz a mulher adúltera, anunciou a Boa Nova à samaritana, deu esperança às mulheres de Jerusalém, perdoou a quem o matava e chorou sobre a cidade. Jesus tornou-se solidário dos homens do seu tempo.

A opção pela pobreza, na nossa vida, é o percorrer, antes de mais, o caminho do encontro connosco, o nosso ser mais profundo, o segredo mais guardado das nossas vidas e também o nosso maior tesouro. Experimentamos a dependência de Deus e descobrimo-nos mergulhados no milagre do Amor. Depois é o refazer da nossa vida no contacto com tudo o que nos rodeia. Encontro com a vida e a natureza em todas as suas múltiplas e admiráveis formas. Deslumbramento por nos vermos companheiros de viagem com todos os nossos irmãos, independentemente dos saberes e dos teres. Aliasse a inteligência e o coração para dar a mão, curar as feridas, consolar, perdoar, encorajar, chorar e rir quando necessário. Tornamo-nos solidários. Aceitamos a responsabilidade do mundo que nos rodeia. Fazemos parte dele e nada nos é indiferente. Aprendemos a depender também dos Outros, a necessitá-los. É a outra vertente da solidariedade. O dar e o receber numa maravilhosa teia de comunicação e vida onde o amor e a amizade se recuperam e o homem se sente felizmente realizado.

Cada um de nós precisa dos Outros

Contaram-me, há dias, um caso dramaticamente exemplar. Dia de aniversário de uma criança. Muitos convidados. Grande banquete. Muitas e grandes prendas. Tudo dentro da normalidade nestas situações até que, de dentro do quarto do miúdo, se começam a ouvir estranhos barulhos. Indaga-se. A criança tenta destruir todos os brinquedos atirando-os às paredes e ao chão. Porquê? «Nenhum fala comigo!», foi

a resposta possível. Na inocente resposta encontra-se a pungente ferida do coração humano. Cada um de nós precisa dos Outros. Precisa de comunicar, de dialogar, de estar próximo.

Acontece que muitas vezes a nossa educação se processa não para o diálogo mas para a separação. São as coisas, são os saberes, são as famílias, tudo concorre para que a solidariedade e o sentir os Outros sejam ameaçados. Acresce a isto a dose de egoísmo que a todos nos caracteriza. Assim, é necessário algum dia empreendermos a viagem de desnudamento do nosso coração para que ele possa vibrar com os Outros.

A tendência nas sociedades de consumo é precisamente a de criar cada vez mais obstáculos à solidariedade, de modo que o homem se sinta mais só, embora rodeado de muitas coisas e, assim, mais manejável em função do lucro. De um homem só pode-se fazer tudo. Se, na nossa sociedade, praticássemos um pouco a opção pela pobreza, talvez a solidariedade desse para dignificar o homem com salário mínimos justos, honrar a velhice com reformas que não sejam uma esmola, encorajar a vida com abonos honestos, criar condições de desenvolvimento à família de

forma harmoniosa em casas decentes... Se a opção pela pobreza nos ajudasse a descobrir os Outros, a solidariedade não permitiria que num estado de direito a justiça não fosse justa...

Falsos peditórios

Durante o tempo de Natal, de uma maneira especial, mas também ao longo de todo o ano, chegam-nos telefonemas de pessoas que se deixaram ludibriar com peditórios de rua para a Casa do Gaiato. Os locais mais frequentes desses peditórios são o Hospital de Santa Maria e S. José, as Amoreiras, o Rossio e Santa Apolónia. Utilizam papéis com uma rodela a preto sem nada escrito, vendem fotocópias de impressos da primeira viagem do Santo Padre e exigem normalmente duzentos escudos. Pedem para agirmos! Nada mais podemos fazer a não ser isto: esclarecer que a Obra da Rua não faz nem autoriza a fazer peditórios de rua. Existe apenas a venda do jornal, feita normalmente pelos nossos rapazes. Peditórios só pelos Padres da Obra da Rua em zonas controláveis e que não dêem lugar a interpretações duvidosas.

Padre Manuel Cristóvão

ECOS d'África

Continuação da página 1

deles na vida? É preciso ir onde é mais necessário... Mas quem vai? Apenas para reflexão.

Cartas

Do carinho com que a Obra da Rua é acompanhada no seu regresso à África falam as cartas que vão chegando: «Junto um cheque... Naturalmente que também estamos em Angola e Moçambique... Que grandeza o vosso retornar!!!» Quem nos dera não ser mais do que servos que apenas fazem o que devem.

«Envio essa pequena lembrança para lhe darem o destino que, de momento, for mais urgente. Se for para África, tanto melhor. Renovaram o caminho do 'Calvário' e a 'Crucifixão'. Que saibamos agora aceitar a responsabilidade de colaborar, de todas as formas possíveis, com aqueles que, lá longe, preparam a 'Ressurreição'. Obrigado por tudo o que nos dais através d'O GAIATO.»

É interessante ver como os leitores, à sua maneira, lêem este acontecimento da vida da Obra da Rua. Não há dúvida que é preciosa tão grande ajuda.

«Os artigos que tenho lido no nosso querido jornal O GAIATO, sobre a situação das crianças em África e dos esforços que estão a fazer para restaurar as Casas do Gaiato, de lá para ajudarem essas crianças a crescer e a viver, pois estão carentes de tudo, tocaram-me profundamente e senti dentro de mim um desejo enorme de ajudar. Quando a Obra é de Deus nada a poderá deter.»

É no dar as mãos que está o segredo da eficácia do trabalho que, doutro modo, não seria possível. «Sinto doer-me o coração ao ler as notícias que vêm de lá. Bem queria poder ajudar mais, mas tenho uma pessoa de família muito doente que me consome tudo...»

Por vezes a dedicação e a delicadeza vão tão longe que nos deixam admirados e muito agradecidos. Há tempos, veio um cheque para pagar o transporte de dois contentores.

Muitas outras mensagens ficam ainda guardadas.

Padre Manuel António

O Marco

«Eu chamo-me Marco. Estou na Casa do Gaiato de Setúbal, porque eu andava a pedir dinheiro para comprar comer. O meu pai não queria trabalhar, só queria beber vinho. Eu quando fugia de casa andava na 'penda' nas redes dos autocarros de Sete Rios para Chelas para ir ver a minha mãe que tinha fugido do meu pai, porque o meu pai andava no vinho e chegava a casa bêbado. Eu e o meu irmão só chegávamos a casa à meia-noite. Andávamos por lá com os nossos irmãos mais pequenos e a minha mãe. Houve um dia em que chegámos mais tarde. Nessa altura vivíamos num camião velho. O meu pai não nos quis com ele. Foi então que um senhor nosso amigo nos trouxe para a Casa do Gaiato, onde o Padre Acílio nos recebeu. Gosto de cá estar e quando for grande quero ser mecânico.»

O Marco tem 13 anos. É irmão do Luís que tem 15 e é chefe da casa 4 — a casa dos miúdos entre os 11 e os 14 anos. Um e outro vieram da rua; do abandono. As calçadas de Chelas e o Zoo de Sete Rios são testemunhas; viram-nos andar e crescer. Era por lá que livremente corriam e viviam sozinhos... entregues à sua própria conta. Houve gente que os mirou achando graça ao seu comportamento ardina. Hábitos distraídos de quem não se rala nem se aflige com o que pode acontecer a uma criança entregue à sua própria conta. Agora, dois rapazes muito capazes. Promessa de futuro, se não aparecer alguém que os estorve, a eles e a nós que os perfilhámos. Esse é o nosso medo.

E o Luís

Gostaria que visses o mais velho, perfilado, na casa onde é chefe diante de trinta rapazes pouco mais novos do que ele: o porte solene, o ar grave, a exigência no assunto que trata... tudo tão sublime e encantador. Às vezes, é preciso dar um certo jeito no ímpeto, mas o resto é por conta dele. Ninguém, com mais força ou poder, faria melhor. Aqui, Pai Américo: «Deles, por Eles e para Eles». Tanta riqueza que o furor da rua destruiria!

Na Secil, onde o Marco era vendedor, têm sido muitos os amigos com saudades da sua simpatia e do seu jeito. Foi a escola da rua que o balanceou e fez cair. Perdeu confiança e foi castigado. Ele e nós sofremos com isso. Saíu da venda. Estou certo que vai recuperar.

Só a força do amor e da justiça é capaz de fazer renascer o garoto da rua

O encontro tão próximo com a história do Marco vida há tão pouco tempo, tem o mesmo sabor do tempo de Pai Américo: «Uma grande

Partilha

parte dos garotos da rua aprende nela tudo quanto sabe; tem a escola da rua. Nem casa, nem família, nem gente amiga. Nunca teve uma carícia afectuosa, nem um conselho bom, nem uma palavra alta. Ninguém o ensina, ninguém o repreende, ninguém o guia». Na verdade, diante da força destruidora da rua, só a força do amor e da justiça é capaz de demover e fazer renascer o rapaz. É a Casa do Gaiato. É o que ela oferece ao Marco e a todo o

rapaz como alternativa à escola da rua.

Gostaria que o sentisses, ao ler um pouco da vida do Marco. Foi a sua insistência que a fez saltar. Mas sinto que é também necessário que a nossa vida te incomode. Melhor, a vida de outros Marcos que talvez se cruzem contigo todos os dias nas ruas da pedincha ou de favores a qualquer preço. Eles, os tais mafiosos, insolentes e mal-criados; eles, perigosamente, cada vez mais em número, em qualidade e organização; eles que são uma acusação à falta de amor e justiça, únicos valores capazes de os demover e fazer renascer.

Padre João

Cantinho das Senhoras

Um grupo de jovens portugueses quer ajudar-nos durante as férias

Que bom se muitos jovens se sentissem motivados, pela graça de Deus, a dar a mão àqueles que não O conhecem. Estou muito feliz em saber que um grupo de jovens de Portugal quer ajudar-nos durante o seu mês de férias, aqui, em Moçambique. Que sejam bem vindos! Que venham cheios de coragem e fé. Temos muito que fazer. Somos tão poucos...! É a criança que não tem ninguém; razão maior de nossa presença aqui. É o velho sem forças para o trabalho e cheio de fome. São os mutilados que vivem jogados ao tempo. É o pai e a mãe que não conseguem mais ouvir o choro dos filhos e abandonam tudo... Afinal, às vezes, ficamos confusos diante do que fazer primeiro. E o que nos deixa felizes é sentir o Lixo da rua sendo aproveitado. Os nossos rapazes já começam a repartir o que estão a receber. Ajudam em casa, nas construções e nos trabalhos da comunidade. A tudo dizem: «Isto é nosso!» E vibram com muito entusiasmo. Alguns visitantes quando chegam a nossa casa afirmam logo: «Estes, afinal, não são da rua?»; acham que não é possível tratar a todos por igual! Por que para os Pobres tem que ser sempre o resto? Não! Cristo veio para os mais pobres. Ele nos ensinou. Só assim seremos felizes.

Quitéria Torres (de Maputo)

Pelo mundo inteiro

«Ide pelo mundo inteiro e anunciai a Boa Nova a todos

os homens» (Marc. 16-15).

Assim, cumprindo a ordem do Mestre, eles lá vão. Já em Moçambique, dão leite aos que nunca o tinham visto. E apesar de todas as carências e dificuldades dão cama a oito gaiatos que não sabiam o que era o conforto dum leito.

Seguem os de Malanje, com portas, janelas e tantas coisas que lá estão destruídas. Vão reconstruir, apoiados em quem? Nas palavras de Quem tudo pode: «Ide e ensinai todos os povos».

Segue-se Benguela. Não demorará muito que a pequenina equipa, para lá destinada, avance com o mesmo entusiasmo que os anteriores — porque confiados n'Aquele que prometeu: «Não leveis bolsa nem alforje e nada vos faltar».

As nossas Casas, de Portugal, ficam muito desfalcadas com a falta de braços?! Pois ficam. Poucas pessoas e já cansadas, pelos anos e pelo peso do trabalho e das preocupações.

Mas tu, leitor amigo e leitora amiga, ainda não sentiste a voz do Mestre que te chama? Porquê recluir? Após dois mil anos, sente-se que a Sua voz é a mesma.

E os famintos, os necessitados da Sua Palavra não hão-de ter quem lha transmita?

Tenhamos confiança e esperemos em alegria e paz.

Virgínia (de Paço de Sousa)

IMPORTANTE

Sempre que o Leitor escreva para as nossas Casas — por mor d'O GAIATO ou de livros da Editorial — faça o favor de indicar o número da assinatura e o nome e endereço em que recebe as nossas edições.

Uma visita

Deixam uma renovada esperança

Sempre nos dão um grande gosto e nos deixam uma renovada esperança as visitas frequentes — quase diárias e, às vezes, várias no mesmo dia, durante os meses de Maio e Junho — de grupos de adolescentes e jovens, quando a razão da vinda não é apenas passear (aqui... como poderia ser a qualquer outro lugar aprazível, tal é a nossa Aldeia), mas vêm para conhecer movidos por um interesse que professores e animadores lhes foram despertando com a intenção de os sensibilizar para realidades amargas do nosso mundo.

Se os visitantes são muito pequeninos, claro que o seu enlevo fica no parque dos baloiços, no espaço e nas sombras em que podem brincar, talvez também no gado que sempre encanta ver em liberdade. Se são já adolescentes ou jovens, mas não tiveram uma preparação prévia, o campo da bola e a piscina são o que mais os prendem. Porém, se ao longo de semanas antes da visita, lhes foram falando de Pai Américo e do ideal com que ele empreendeu a Obra da Rua, são outros os olhos que trazem, pois a visita não é tanto à Casa como a quem nela mora e o acento do interesse põem-no na convivência.

Tarde feliz

Foi assim com o grupo que me sugeriu esta nota. Trata-se de uma classe que, antes de vir, se relacionou por escrito com classe idêntica dos nossos e combinou com eles o encontro que consumaria o conhecimento mútuo. Chegado o dia, eles aí estavam e, a aguardá-los, os seus amigos de cá, uns e outros no são alvoroço do convívio esperado e desejado.

Foi uma tarde feliz, verdadeiramente útil porque realizadora da intenção de quem a promoveu. Eis a carta que depois nos mandou a confirmar o êxito da sua iniciativa.

«Bom-dia.

Uma saudação amigável para lhe transmitirmos, os meus alunos e eu, o quanto gostámos da tarde que aí passámos. Nas escolas onde passar tentarei sensibilizar os pequeninos que me forem confiados.

Resulta mesmo! Os seus corações vibram cada vez que falam dos seus amigos da Casa do Gaiato.

Nota-se nos seus olhos. Penso que com os seus tam-

bém se passou o mesmo. Foi bonito! Eis a prova de que todos estávamos felizes: a foto que junto enviamos. Acredito que tenham ficado sementes no coraçãozito de todos e que darão frutos.

Deus seja louvado!

Um abraço...

No pé da folha em que a carta foi escrita, está impresso este pensamento do Santo Cura de Ars: «A felicidade pertence aos que tornam os outros felizes». E em outra folha semelhante, portadora, como vários postais, de mensagens singelas, mas cheias de espontaneidade, dos pequeninos visitantes, a mesma ideia, esta da pena do nosso Afonso Lopes Vieira: «A melhor maneira de ser feliz é fazermos alguém feliz». E em um dos postais esta exortação da Madre Teresa de Calcutá: «As crianças, aos pobres, a todos os que sofrem e estão sós, oferece sempre um sorriso».

Sendo, como certamente foi, da escolha da professora, este papel de carta, estes postais — temos neles mais uma nota, discreta, accidental, mas que diz do espírito essencial que a anima. Daí o seu propósito: «Nas escolas onde passar, tentarei sensibilizar os pequeninos que me forem confiados». Que Deus a ajude a concretizá-lo e a anime cada vez mais a



A fotografia «prova que todos estávamos felizes».

assumir os seus alunos que assim se poderão dizer com verdade: «pequeninos que me forem confiados».

Espírito fraterno

E aproveitamos este exemplo para a próxima estação destas visitas. Aproveitamos para o propor a professores e orientadores de grupos juvenis que venham ver-nos: Que não nos venham ver, mas estar connosco, com um

espírito fraterno, tal o que animou o grupo que refiro. À palavra que abriu caminho, sempre que podemos, juntamos a nossa de esclarecimento e de partilha. Todavia a penetração desta depende muito daquela que preparou o terreno para que a semente possa germinar. Os frutos que ela virá a dar são um mistério que só Deus conhece. Mas vale sempre a pena provocá-los, como atesta este licenciado em Farmácia em

carta que ao tempo desta visita recebemos e que guardei junto pela conexão no pensar e no sentir:

«Segue um cheque para regularizar a minha assinatura por mais cinco anos. Não quero estar em dívida para convosco. Desejo, sim, continuar na vossa companhia por muitos anos mais, assim Deus o permita, pois sou assinante há talvez mais de quarenta anos e não sou só

assinante mas leitor assíduo e interessado desde a minha adolescência.

Sempre que leio O GAIATO revivo na memória as Missas e homilias a que tive a graça de assistir do vosso e nosso Padre Américo na Capela do Forte de Santa Catarina na Freguesia da Foz, era eu adolescente.

Que ele continue a dar-vos força para continuardes.»

Padre Carlos

Continuação da página 1

estão apodrecidas... O vosso ouro e a vossa prata enferrujaram-se e a sua ferrugem dará testemunho contra vós; devorará a vossa carne como o fogo. Entesourastes nos últimos dias! Vivestes na terra rodeados de volúpias e

Setúbal

delícias; cevastes os vossos corações para o dia da matança!»

Eu acredito na Vida Eterna e no Juízo Final.

Não basta a caridade cristã que nos sustenta para remediar também a carência dos sem-casa. É urgente inverter os princípios.

É socialmente muito mais rendoso proporcionar aos Pobres capacidade financeira para adquirirem a sua habitação onde puderem, do que construir bairros sociais de segregação humana.

Naturalmente os dividendos políticos são mais diluídos. A cegueira política é a pior das alucinações.

Causa-nos arrepios a denúncia de «manchas de pobreza no nosso País» feita por responsáveis que, depois, insensivelmente, se vão banquetear, em viagens de grande luxo, acompanhados de esplendorosas comitivas para o estrangeiro, com encargos pesadíssimos para a economia nacional, manifestando aos outros o que não somos.

Não há dinheiro para que os Pobres tenham acesso a financiamentos com juros equitativos a fim de conquistarem a sua casinha, mas abunda a riqueza para exhibir grandezas que não temos.

«Injustiça que brada aos Céus!»

Há cerca de trinta anos encontrei uma família a viver em barraca de uma única divisão, aqui em Setúbal,

numa das Azinhagas do Mal-Talhado.

O pai tuberculoso. A mãe diminuída. Oito filhos. Trouxe comigo um, que a doença paterna havia contaminado. Viveu connosco pouco mais de três anos. Sem capacidades, mal aprendeu a ler. A mãe, logo que o viu saudável, veio buscá-lo, sem consentimento de ninguém. Era o «Stromex».

Hoje, tem quarenta anos. Juntou-se com uma mulher muito atrasada, também. Viveram com uma senhora num andar de onde foram obrigados a sair.

Habitam, há vários anos, um curral imundo, sem chão nem telhado, coberto de plásticos na Cachofarra. Voltou a tuberculizar. Os remédios mais a alimentação que lhe temos dado não bastam. Muito menos os subsídios e as consultas que o Estado proporciona.

Tem sido o maior quebracabeças da Associação dos Antigos Gaiatos! «É uma vergonha para todos nós, para todos os homens, e uma injustiça que brada aos Céus!»

É necessário arrancar o 'Stromex' daquele mortífero cubículo. É urgente fazermos justiça». Expliquei àquele punhado de homens o que é a justiça, numa reunião em que o caso deste irmão foi ventilado.

Os rapazes ficaram em fogo. Mexeram-se. Inscreveram-no na lista de espera dos andares dominados pela Câmara. Esperou-se quase um ano.

Hoje mesmo — 11/02 — a Paróquia e o antigo dono, no edifício municipal, assinaram a promessa de compra e venda.

O andar de três assoalhadas, em segunda mão, custa 3.650 contos. Entrámos já com 369.000\$00. O resto teremos de o arranjar para o acto da escritura.

A casa ficará em nome da Paróquia. A Associação dos Antigos Gaiatos com o encargo de visitar a família, duas ou mais vezes por semana, para amparar na higiene, no asseio, na economia e dignidade, bem como para os obrigar ao trabalho, logo que recuperem a saúde. Iremos pagar com aquilo que nos mandares.

A Justiça tem muita força!

Padre Acílio

Partilhando

Continuação da página 1

chegar à boca dos famintos. «Pão nosso de cada dia...» São muitas as tentações.

Vai longa a procissão dos que vieram com as suas luzinhas:

A Fábrica «Galucho» e alguns amigos através da Câmara de Comércio e Indústria — Portugal e Angola. Familiares e amigos de Bruço e Mogadouro. Antigos paroquianos de Vila-Chã e Picote. Sacerdotes amigos e dedicados. O Centro Paroquial de S. João de Deus. Famílias amigas, do Porto, Lisboa e Aveiro.

Não digo nomes. Deus sabe.

Simplicidade

• Vimos em África uma organização dinamarquesa a fazer o bem. Já sustenta duas casas de crianças. Surpreendeu-nos o modo: Recolhem todas as roupas que lhes são oferecidas, fazem o transporte e organizam a venda por preços muito módicos. Com o produto sustentam as crianças. Simples!

Sem dúvida que arrancaram do Evangelho esta simplicidade.

Além disso, outra força: Nem sempre damos valor ao que recebemos gratuitamente. Uma blusa dada pode ficar trapo... Mas se me custou algo, porei nela um pouquinho de mim.

É natural e simples como a gota de água que atingiu seu volume e cai.

Padre Telmo



Gaiato

Director: Padre Manuel António — Chefe de Redacção: Júlio Mendes
Redacção e Adm., fotocomp. e imp.: Casa do Gaiato — Paço de Sousa — 4560 Penafiel
Tel. (055) 752285 — Cont. 500788898 — Reg. D. G. C. S. 100398 — Depósito Legal 1239